

REDAÇÃO

com **Fernanda Pessoa**

Desenvolvimento

 **CURSO**
FERNANDA PESSOA
ONLINE





DESENVOLVIMENTO

DEFINIÇÃO

A Introdução de um texto é parágrafo em que se contextualiza a discussão proposta pelo tema, apresenta uma relação entre o que foi escolhido para contextualizar e só depois se sugere a abordagem a ser dada na redação como um todo, ou seja, apresenta-se a tese.

O **desenvolvimento** é justamente a parte em que essa abordagem é feita por completo, em etapas correspondentes a parágrafos. A própria palavra “desenvolver” remete a essa função, pois constitui uma derivação prefixal de “envolver”, significando algo como “desdobrar”, “desembrulhar”, “continuar”.

Nessa mesma perspectiva, o desenvolvimento é o momento em que levamos o texto adiante, fazendo-o progredir, aprofundar, melhorar, estender, enfim, dizer algo.

Em termos práticos, o desenvolvimento é o conjunto de parágrafos responsável por debater a questão proposta pelo tema e estabelecer a linha de raciocínio apresentada na introdução. Por essa razão, pode-se inferir que essa é a parte em que a argumentação é feita.

Na medida em que representa o “conteúdo” ou “corpo” do texto, o desenvolvimento não se restringe a poucas linhas, mas a cerca de 60 ou 70% do “espaço” disponível. Em uma redação de aproximadamente 25 ou 30 linhas, o desenvolvimento se fará em 15 ou 18 linhas em média.

Além disso, cabe ressaltar que todas essas linhas não constituem um único parágrafo, pois o desenvolvimento apresenta etapas internas. Por isso, normalmente, essa parte do texto costuma ser dividida em dois parágrafos.

PARÁGRAFO

Costuma-se imaginar o parágrafo apenas como uma unidade visualmente reconhecível por seu início, quando ocorre um “endeadamento”, ou seja, afastamento da margem esquerda.

Essa percepção simplista leva alguns redatores a utilizar um critério puramente estético para fazer a paragrafação de seus textos, tentando criar parágrafos de tamanhos semelhantes.

Na verdade, isso não faz sentido. O afastamento da margem é apenas uma marca do parágrafo, não sua razão de ser. Estabelecer parágrafos por esse critério é o mesmo que evitar refrigerantes light apenas por perceber que muitas pessoas acima do peso os preferem. Trata-se de um raciocínio que confunde sintoma com causa.

A rigor, pode-se definir um parágrafo da seguinte forma:

Parágrafo é uma unidade textual em que se desenvolve uma (e apenas uma) etapa da história, da argumentação, da descrição, conforme o tipo de texto que se esteja escrevendo.

A essência de um parágrafo está em trazer uma ideia nova, distinta do que foi dito antes e do que será dito depois.

Por essas razões, a divisão do desenvolvimento em parágrafos está ligada ao planejamento global da redação. Se, para comprovar a tese apresentada na introdução, forem necessários dois argumentos encadeados, teremos dois parágrafos de desenvolvimento.

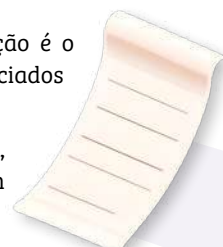
É evidente que um redator poderia escrever apenas um parágrafo de desenvolvimento ou mais de dois, se julgar conveniente. Entretanto, parágrafos muito longos ou muito curtos podem acabar dificultando um debate sólido. Por isso, o ideal é planejar a dissertação para que a linha de raciocínio se divida em duas etapas. **Estrutura do Parágrafo (É fundamental que você confie em FPzinha aqui)**

Cumprir fazer uma distinção importante no estudo do texto argumentativo entre **argumentação e argumento**.

De modo simplificado, pode-se dizer que a **argumentação é um processo, e o argumento é uma estrutura que faz parte desse processo**.

Em outras palavras, a argumentação é o conjunto de múltiplos argumentos associados e encadeados.

Por isso, para aprender, na prática, a elaborar uma argumentação, convém estudar a estruturação do argumento.



Uma boa maneira de examinar essa estrutura é ter em mente o seguinte:

ARGUMENTO = OPINIÃO + FUNDAMENTAÇÃO

Nessa estrutura, a opinião corresponde à ideia que se quer defender, e a fundamentação é o conjunto de **premissas e evidências que sustentam** a ideia.

Qualquer argumento, para ter validade, precisa ter essa estrutura, sem a qual se torna mera opinião. Para ter maior controle na elaboração dessa estrutura, estude **a determinação de cada parte do argumento**.

Opinião

Já sabemos que as argumentações surgem de dúvidas, isto é, de situações sobre as quais não haja consenso, ou seja a opinião é exatamente o julgamento que um indivíduo faz de determinada situação, no caso da Redação, do tema, segundo sua análise. Só que, no caso do texto para o vestibular ou concurso, essa opinião precisa estar em 3ª pessoa, não pode haver pessoalidade



O Dicionário Aurélio dá a seguinte definição desse termo:

Opinião. S.f. 1 modo de ver, de pensar, de deliberar. 2. parecer, conceito. 3. juízo, reputação. 4. ideia, doutrina, princípio. 5. ideia sem fundamento; presunção. 6. Bras. Teimosia orgulhosa, capricho.

Pelo que se pode perceber na primeira acepção acima, a opinião é a maneira pessoal de avaliar algo segundo a visão, o pensamento ou a reflexão. Ao mesmo tempo, a opinião constitui um conceito, o que significa que ela pode assumir um significado mais denso.

Vocês irão perceber que o maior problema do texto é o fato de não terem nos ensinado nada sobre o que significa ter uma opinião, por isso a gente, na maioria das vezes, não tem. Uma opinião só existe quando temos referenciais, perspectivas...

Aqui vamos aprender a ter opinião a partir de fundamentos, ou seja, vamos aprender a pensar a partir de muitos referenciais que servirão como elementos que sustentarão nosso ponto de vista.

Fundamentação

Pelo que pudemos perceber, sempre que uma opinião expressa um pensamento cuidadoso e refletido, ela pode fazer parte de um processo argumentativo.

Para isso, é necessário que o argumentador se esforce por demonstrar **as razões que sustentam seu ponto de vista**. A essas razões dá-se o nome genérico de **fundamentação ou embasamento**.

É fácil perceber que a qualidade de um argumento é diretamente proporcional à qualidade dessa base lógica.

No caso das provas, tudo o que se usa para fundamentar precisa fazer parte de um repertório que seja pertinente (que caiba na associação ao tema, legitimado (que faça parte de uma área do conhecimento) e produtivo (que esteja no lugar certo).

Antes de continuar, observe que existem nomes técnicos para o que renomeio como uma forma de facilitar:

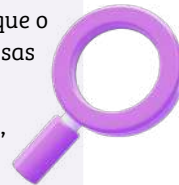
A base técnica do desenvolvimento são as premissas e as evidências:

Premissas são as ideias iniciais que servem de base para sustentar um argumento.

Elas funcionam como pontos de partida: são afirmações ou pressupostos que o autor considera verdadeiros para, a partir deles, construir seu raciocínio.

Evidências são as provas ou os dados que o autor usa para comprovar que suas premissas e argumentos fazem sentido.

As evidências podem ser estatísticas, exemplos concretos, pesquisas, fatos históricos, depoimentos, entre outros. Elas tornam a argumentação mais forte e convincente, porque mostram que o que foi afirmado tem fundamento real.

**Em resumo:**

- * Premissa = ideia base do argumento.
- * Evidência = prova que reforça o argumento.

Premissa	Evidência
É a afirmação inicial que serve de base para o argumento.	É o prova ou justificativa usada para reforçar a premissa ou o argumento.
É uma ideia aceita como verdadeira (pelo menos dentro do texto).	É um dado, fato, exemplo ou pesquisa que mostra que o que foi dito faz sentido.
Sem premissas, o texto não tem linha de raciocínio.	Sem evidências, o argumento fica fraco ou sem credibilidade.

Exemplo 1 bem geralzão:

- * **Premissa:** A prática de esportes é essencial para uma vida saudável.
- * **Evidência:** Segundo a Organização Mundial da Saúde, pessoas que praticam esportes regularmente têm 30% menos risco de doenças cardíacas.

A premissa é a ideia defendida. A evidência é o exemplo real que dá suporte à ideia.

- * **Premissa** = O que eu acho sobre algo e quero convencer você a achar também
- * **Evidência** = A prova que eu uso para convencer você sobre a minha opinião, o meu ponto de vista.

Decidi dar nomes e cores às partes de cada parágrafo do texto como sendo uma forma de facilitar a sua vida. Foi assim que nasceu o meu método lá em 2007 tão copiado por tanta gente, mas só vocês conseguem entender direitinho. A galera até tenta fazer a mágica de copiar, não tem "a Mágica FP" (não quero que soar como convencida, mas é foda ver o meu trabalho sendo copiado na cara de pau). Mas só a gente tem o molho e o Universo vê TUDO.

Voltando...

Pela definição apresentada ANTES DO DESABAFO, sabe-se que o parágrafo de um texto dissertativo é aquele em que se desenvolve uma ideia. Cabe agora entender melhor a estrutura interna desta etapa do texto.

A primeira parte é denominada tópico frasal e corresponde a uma frase em que se apresenta a ideia a ser desenvolvida

no parágrafo. É chamada de Tópico frasal e nasce do que você disse que iria discutir na tese lá na Introdução.

A segunda parte pode receber muitos nomes distintos, que preferimos sintetizar na palavra ampliação. Trata-se do conjunto de frases em que se desenvolve o que foi proposto no tópico frasal. É a explicação sobre o porquê de você ter escolhido determinado Tópico frasal.

A terceira parte é a fundamentação que é o que você irá usar para sustentar seu Tópico e sua ampliação. É a parte que mostra que sua opinião tem sentido e credibilidade, não é algo vago como as pessoas fazem nos modelos prontos (assunto delicado aqui)

A quarta parte é um fechamento para o raciocínio de cada parágrafo de Desenvolvimento. É o momento em que você chega a uma conclusão do raciocínio do parágrafo de desenvolvimento em questão com um detalhe bem grandão: não é obrigatório, mas acho importante se não for forçado. É chique se você souber fazer.

Dessa maneira, pode-se dizer que um parágrafo de desenvolvimento é algo assim:

Tópico frasal + Ampliação + Fundamentação + Fechamento

Convém lembrar que a essência de um texto dissertativo-argumentativo **é a discussão real de ideias a partir de elementos que devem credibilizar essas ideias.**



Por exemplo:

Ideias de teóricos que estudam, de fato, o que está sendo discutido (irei dar todos sempre de forma atualizada e sem loucura);

Dados estatísticos (irei dar todos sempre de forma atualizada e sem loucura) Acreditem em FPzinha aqui, sei o que estou fazendo!

Em outras palavras, pode-se dizer que as partes de cada parágrafo de Desenvolvimento serão compostas por:

Tópico Frasal - Ideia central do parágrafo

Ampliação - Explicação do tópico

Fundamentação - Algo que será usado para dar credibilidade ao que está sendo discutido.

Fechamento - se você achar necessário (vamos mostrar como é isso)

Esses elementos podem ser associados e construídos de muitas formas incríveis.

Caso facilite sua vida, veja que há perguntas a serem feitas as quais podem facilitar a construção de uma linha de raciocínio.

1. Qual a ideia central do parágrafo de desenvolvimento? (Tópico frasal)
2. Por que você acha que isso acontece? (Ampliação)
3. De onde você tirou essa ideia e o que isso tem a ver com o assunto do parágrafo e com o tema? (Fundamentação e associação ao tema)
4. A que conclusão você quer chegar? (Fechamento)

Calma, vou detalhar tudo para você.

Cuidado porque muitas pessoas acham que todos os itens abaixo devem aparecer em cada parágrafo. Prestem atenção por favor.

Detalhamento do Desenvolvimento:

A ideia das cores aqui é uma sugestão, acho que, caso queiram, vocês poderão usar as cores que quiserem:

Colocação do Tópico frasal

Ampliação do tópico sem usar um repertório

Fundamentação com um repertório

Ampliação do tópico com um repertório como fundamentação

Associação do repertório à ampliação e ao tema

Ampliação só com a ideia de um teórico

Exposição do nome do teórico e a explicação da relação entre a ideia dele com o assunto do parágrafo.

Fechamento da ideia do parágrafo, explicando o repertório e associando-o ao que foi discutido no parágrafo

Fechamento da ideia do parágrafo com um repertório como fundamentação, associando-o ao que foi discutido no parágrafo

Fechamento da ideia do parágrafo, retomando o repertório da introdução, associando-o ao assunto do parágrafo

Fechamento da ideia do parágrafo, associando a algo do cotidiano ou a algum dado.

Fechamento da ideia somente retomando a ideia central do parágrafo e associando-a ao tema

Fechamento da ideia do parágrafo, retomando o repertório da introdução e associando-o a algo do cotidiano ou a algum dado.

O que acabei de mostrar é só uma forma de você começar a organizar o seu raciocínio.

Primeiro entenda! Depois é que você deve fazer! Tente organizar cada item em um período e monte o seu parágrafo de acordo com a função do Desenvolvimento

Veja algumas opções e se lembre de que nada é verdade absoluta:

Opção 1:

Colocação do Tópico frasal

Ampliação do tópico sem usar um repertório

Fundamentação com um repertório

Fechamento da ideia do parágrafo, explicando o repertório e associando-o ao que foi discutido no parágrafo

Opção 2:

Colocação do Tópico frasal

Ampliação do tópico com um repertório como fundamentação

Associação do repertório à ampliação e ao tema

Fechamento da ideia somente retomando a ideia central do parágrafo e associando-a ao tema

Opção 3:

- ☐ Colocação do Tópico frasal
- ☐ Ampliação do tópico com um repertório como fundamentação
- ☐ Associação do repertório à ampliação e ao tema
- ☐ Fechamento da ideia do parágrafo, retomando o repertório da introdução, associando-o ao assunto do parágrafo

Opção 4:

- ☐ Colocação do Tópico frasal
- ☐ Ampliação do tópico sem usar um repertório
- ☐ Fechamento da ideia do parágrafo, retomando o repertório da introdução e associando-o a algo do cotidiano ou a algum dado.

Opção 5:

- ☐ Colocação do Tópico frasal
- ☐ Ampliação só com a ideia de um teórico
- ☐ Exposição do nome do teórico e a explicação da relação entre a ideia dele com o assunto do parágrafo.
- ☐ Fechamento da ideia somente retomando a ideia central do parágrafo e associando-a ao tema

Fique com suas tabelas e monte como quiser até encontrar o seu estilo:

Outra opção:

Sugestão de Coesão

SUGESTÃO DE ELEMENTOS DE COESÃO PARA O COMEÇO DO PARÁGRAFO 1 DE DESENVOLVIMENTO

Nesse sentido,
Nessa perspectiva,
Diante dessa questão,
Diante desse cenário,

SUGESTÃO DE ELEMENTOS DE COESÃO PARA O COMEÇO DO PARÁGRAFO 2 DE DESENVOLVIMENTO

Além disso,
Ademais,
Consequentemente,
Como consequência,

O QUE PODEMOS USAR PARA INICIAR A AMPLIAÇÃO

Isso ocorre, porque...

Isso acontece, porque...

Tal fato ocorre, devido à...

Essa questão acontece, porque...

Esse problema ocorre, pois...

Essa questão está diretamente associada ao fato de

Atenção!

Você pode fazer todas as combinações que julgar pertinentes de acordo com a sua maturidade de escrita.

VAMOS AOS EXEMPLOS:

Aqui eu fico em dúvida por alguns minutos, por não saber se já começo com o nível "Padrão FP" ou "Padrão Desqueridos da educação".

Vou começar com o Padrão FP, porque acho melhor que não percamos tempo!

Bora ou quer ir rapidinho ver o saldo do Nubank?

Vamos começar pela Redação de Camila Aguiar, que foi minha aluna nota 1000 no Enem de 2024:

Vou deixar aqui os textos completos para que vocês façam as marcações de acordo com a aula!



ANOTAÇÕES

CAMILA AGUIAR

MINHA ALUNA NOTA 1000 – REDAÇÃO DO ENEM 2024

A obra “Torto Arado”, do escritor Itamar Vieira Jr., pode ser facilmente categorizada como um livro essencial para a compreensão das raízes brasileiras. Na trama, duas irmãs, pertencentes a uma comunidade quilombola no interior da Bahia, lutam contra a opressão e a invisibilidade social e cultural diariamente. Ao transpor o viés literário, nota-se que a luta pelo reconhecimento é uma batalha constante para a população afro-brasileira no século XXI. A partir desse contexto, não há como hesitar: é imprescindível compreender os impasses para a valorização efetiva da herança africana no Brasil.

Nesse sentido, percebe-se que a histórica marginalização da cultura negra advém de um ciclo social pautado na desigualdade. Isso acontece, porque, como teorizado pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos, há, no Brasil, a persistência de um “colonialismo insidioso”. Em outras palavras, há a manutenção de raízes desiguais, que são mascaradas em meio a avanços sociais, caracterizando, assim, uma forma de dominação ainda mais perversa e cruel. Tal questão se torna evidente ao constatar que o país, ao ser um dos últimos países a abolir a escravidão, após mais de 300 anos marcados por violência e derramamento de sangue africano, tratou a abolição de forma panfletária e seguiu reproduzindo padrões de invisibilização contra os povos afro-brasileiros. Assim, nota-se uma população que tem sido mantida subjugada por uma minoria detentora de poder (político e econômico), o que é reforçado pelo fato de o Brasil ocupar, mais uma vez, o 8º lugar entre os países mais desiguais do mundo, segundo a ONU.

Ademais, é válido ressaltar que, além da manutenção de raízes desiguais, a redução de manifestações culturais africanas advém de uma alienação historicamente programada. Essa questão ocorre, pois há, na conjuntura social atual, uma espécie de “epistemicídio brasileiro”, ou seja, há a validação apenas das formas de conhecimento que são disseminadas pela cultura dominante do ocidente. Tal fato (estudado pela filósofa Sueli Carneiro) provoca um sepultamento dos saberes ao apagar o conhecimento, o legado e as tradições preservadas ao longo dos séculos pelos povos afrodescendentes. Dessa forma, perpetua-se a desvalorização da cultura plural armazenada nas expressões artísticas dos povos pretos, responsáveis por grande parte da construção identitária nacional.

Portanto, urge a necessidade de valorização da herança africana no Brasil. Para isso, o Poder Executivo Federal, mais especificamente o Ministério da Educação, deve fomentar um projeto de resgate dos legados afro-brasileiros. Essa ação ocorrerá por meio da implantação de uma Campanha Nacional de Validação da Cultura Africana, a qual irá promover o consumo e a análise de obras que fazem jus à identidade brasileira em ambiente escolar, ressaltando a importância e a pluralidade da herança afrodescendente. Isso será feito a fim de trazer maior visibilidade para o patrimônio cultural brasileiro e incentivar o protagonismo dos povos pretos.

FUVEST: “AS RELAÇÕES SOCIAIS POR MEIO DA SOLIDARIEDADE”.

THÚLIO JOSÉ - NOTA MÁXIMA - VESTIBULAR 2025 – FINAL DE 2024

Ainda que a arte de Cândido Portinari seja plural, é quando pinta o sofrimento, que o autor da emblemática série “Retirantes” ganha contornos épicos e provoca qualquer expectador a refletir sobre a profunda compaixão pelo ser humano e pela necessidade de um povo que precisa de ajuda. Dessa forma, tendo em vista o valor atemporal da obra do artista, não há dúvidas: boa parte da população brasileira ainda necessita de um olhar humanista que vise a uma colaboração solidária para a tentativa de um resgate (mínimo) do senso de coletividade. Nesse sentido, é preciso analisar a visão deturpada diante da cultura da solidariedade no Brasil e o principal impacto desse fator nas relações sociais.

Com base nesse contexto, é fundamental entender que a cultura da solidariedade no Brasil é centrada na falsa ideia de caridade. Isso ocorre, porque há uma espécie de “analfabetismo social”, ou seja, há a manutenção da ignorância de uma parte da população que não tem instrução mínima sobre os processos básicos associados aos concretos intercâmbios sociais e precariza uma conexão coletiva real respaldada em uma vertente efetivamente menos individualista. Tal problema impede uma mobilização coletiva e mostra o quanto o Brasil se revestiu de uma camada superficial de valores para “validar” uma sociedade fundada nos moldes da escravidão - egoísta e desigual - que ainda usa um falso discurso de generosidade para tentar redimir um grave remorso histórico por omissão.

Ademais, nota-se que o dilema da forjada ideia de coletividade transformou o Brasil em um país que associa o seu “potencial de bondade” a um ato forçado de caridade como exemplo de “ordem e progresso”. Tal questão acontece, porque, ao contrário do que se propaga em vários slogans, o Brasil ainda não é um país de todos e essa visão deturpada naturaliza muitos dos nossos problemas com a justificativa de um “nacionalismo apenas simbólico. Em outras palavras, há uma parcela da sociedade que justifica seu amor à pátria e ao povo a partir, no máximo, da exaltação dos símbolos nacionais, como da bandeira e do hino, e até incita a generosidade entre os pares, mas permeia esse potencial de bondade apenas em situações ímpares de comoção coletiva diante de tragédias com repercussão midiática quando passam no “Fantástico”, mas que de “fantástico” não têm nada. Exemplo disso é o paradoxo entre a comoção nacional com desastres publicizados e a omissão histórica com a fome, o frio extremo, o calor excessivo e muitas outras demandas diárias de um país socioeconomicamente desigual.

Portanto, é evidente a necessidade do desenvolvimento de um país mais empático e socialmente coeso. Para isso, é fundamental que o Poder Executivo, mais especificamente o Ministério do Desenvolvimento Social, estimule um maior compartilhamento de informações sobre a importância de um fortalecimento nas relações sociais dos brasileiros. Tal iniciativa ocorrerá por meio da implantação de uma Campanha Nacional de Incentivo à solidariedade, a fim de proporcionar conhecimento básico para o funcionamento harmonioso entre todas as camadas da conjuntura brasileira. Afinal, é fundamental entender que o incentivo à solidariedade não é caridade, é bom senso.

DESAFIOS PARA O ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DO TRABALHO DE CUIDADO REALIZADO PELA MULHER NO BRASIL - 980 NA REDAÇÃO DO ENEM C1 180

THÚLIO JOSÉ

Sob autoria do geógrafo brasileiro Itamar Vieira Junior, “Torto Arado é um daqueles livros que é fácil dizer ser uma leitura obrigatória para conhecer um Brasil real. Tudo porque o escritor conduz o leitor para um lugar muito específico do país para adentrar no universo de mulheres cujas dificuldades atravessam gerações. Sem desconsiderar o caráter literário da obra, é nítido o quanto o sentimento de invisibilidade é degradante sim e, enquanto o trabalho análogo à escravidão foi responsável por tamanha invisibilidade no enredo do livro, hoje, no Brasil, o trabalho de cuidado realizado por mulheres segue a proporcionar assujeitamentos igualmente problemáticos. Com base nesse contexto e ao perceber o quanto a literatura tem compromisso com a realidade, é imprescindível uma discussão acerca dos motivos que contribuem para tamanho descaso.

Com base nesse cenário, é preciso admitir o quanto uma conjuntura pautada no “mito do subdesenvolvimento” é capaz de naturalizar o processo de invisibilidade do trabalho realizado por muitas brasileiras. De fato, ao perceber que nenhuma das economias mundiais descritas como desenvolvidas, as quais contam com políticas eficazes sobre o trabalho de cuidado realizado por mulheres - de forma ampla e menos desigual -, um dia foi categorizada como emergente, nota-se que muitos problemas do Brasil são fruto de um projeto arcaico de exploração e não de uma etapa para uma possível melhora. Tal questão foi estudada pelo economista Celso Furtado no século XX e denuncia ainda hoje o quanto a estagnação do país naturaliza várias formas de alheamentos de uma camada subjugada - desde a divisão sexual do trabalho, no século XIX, que se baseou na separação entre o trabalho produtivo e o reprodutivo, até os abusos em relação aos corpos femininos, seus tempos, suas capacidades e suas demandas na atual conjuntura trabalhista. É um fato. Dessa forma, percebe-se um contexto social historicamente problemático, o qual impera na manutenção de números baixos no que se refere à valorização adequada pela realização do trabalho (de cuidado) no Brasil.

Ademais, é nítido que a naturalização dos problemas sociais elucida o quanto a atividade de cuidado foi invisibilizada. Isso acontece, porque, como já estudado pela jornalista Daniela Arbex, em seu livro “Holocausto brasileiro”, o descaso e o alheamento da sociedade perante os problemas que se repetem cotidianamente, como o abuso e a precariedade do trabalho de cuidado entendido como uma disposição natural das mulheres, causam uma “normalização” desse problema, o qual é internalizado pela sociedade e capaz de fazer com que esse infortúnio se torne apenas mais um entre tantos outros. O resultado? Uma indiferença social, aqui relacionada às atividades vinculadas ao cuidado, de uma forma geral, que colabora para a não mobilização coletiva, o que reduz a cobrança popular para uma possível solução desse cenário. Assim, normalizam-se percepções sociais em torno do papel da mulher, especialmente aquela relacionada ao cuidado como categoria de trabalho. Desse modo, a tolerância em torno da violência contra esse público se torna tão comum quanto as atuais assistentes virtuais (Alexa e Siri), programadas para performar certos construtos do gênero feminino e fortificar, inclusive, percepções sociais em torno do papel da subserviência da mulher no mercado de trabalho.

Portanto, é evidente que a invisibilidade perante o trabalho de cuidado fomenta um quadro de patologia hierárquica inaceitável. Assim, é fundamental que o Poder Executivo, mais especificamente o Ministério da Mulher, estimule um maior compartilhamento de informações sobre os perigos acoplados à configuração de baixa valorização (ou remuneração) do trabalho de cuidado. Tal iniciativa ocorrerá por meio da implantação de uma Campanha Nacional de Controle Previdenciário, a qual vai disponibilizar, em canais de fácil acesso, articulações verídicas e instrucionais sobre o trato da questão. Isso será feito, a fim de proporcionar conhecimento básico para o funcionamento harmonioso nos modos de remuneração e nos direitos a eles associados.

980 NA REDAÇÃO DO ENEM – C1 180

THÚLIO JOSÉ

Rios voadores. Povos ameaçados. Árvores exuberantes. “Amazônia”: a potência da vida sobre a destruição. Essa exposição de Sebastião Salgado reúne fotografias nas quais a população vê escapar a vida diante de tanta exploração, ou seja, é uma sensível forma de reflexão, sobretudo, diante da valorização (ou da falta dela) em relação aos povos tradicionais do Brasil. Nesse sentido, tendo em vista que a imagem documental de Sebastião é um registro do que ainda existe, é imprescindível uma discussão acerca do que motiva esse insidioso alheamento diante de algumas comunidades.

Com base nesse cenário, nota-se, dentro do atual modelo civilizatório, o quanto a sociedade globalizada facilitou a permanência da invisibilização de muitos povos. De fato, desde o processo categorizado vaidosamente pelos portugueses como “descobrimento”, existe um modo de operação que subalterniza a existência de um espectro amplo de corpos que não se fazem caber nos moldes ditos como ideais - seja na forma de ser, de se vestir e, sobretudo, de consumir. Em outras palavras, alguns “brasis” dentro do Brasil (indígenas, quilombolas, caiçaras e aborígenes) continuam sendo violados e considerados inferiores e sub-humanos por destoarem da forma de vida imposta como “civilizada”, cujas configurações vivenciais orgânicas incomodam, principalmente, as grandes corporações que lucram com a hegemonia do mercado externo. Assim, percebe-se uma história cíclica, que hoje usa o mito da sustentabilidade como desculpa para a propagação de um cenário caótico, definido pelo ambientalista Ailton Krenak como “predatório e suicida”, o qual é usado como uma estratégia lucrativa que naturaliza a exclusão e é capaz de escancarar o quão utópica parece ser a caminhada em uma estrada onde “passa boi e passa boiada”.

Ademais, à medida que o Brasil é gerido por uma nova face de um velho conceito, o país permanece em uma constante taxonomia cada vez mais desigual e os “filhos da terra” são encurralados por uma retenção invisível: a desvalorização. Isso

acontece porque, com base nas ideias do historiador brasileiro Rodrigo Bione, autor do livro “Nós, Humanos”, o Brasil insiste em um estrutural modelo eugenista - retrógrado e desumano - o qual perpetua a classificação de pessoas como menos ou mais humanas, desconsiderando a genuína pluralidade biológica. O resultado? Uma conjuntura culturalmente chancelada, que subdivide pessoas a partir do uso grotesco de um pressuposto padrão ideal, no qual as exigências são porosas e os indivíduos podem ser facilmente reprovados, excluídos e esquecidos, em decorrência de violências sociais com nomenclaturas talvez mais sutis, mas igualmente perversas aos antigos modelos ramificados do darwinismo social. Dessa forma, nota-se hoje uma alienação programada em uma república pouco republicana, que difere e categoriza grupos em situação de extrema vulnerabilidade como cidadãos de segunda classe.

Portanto, nota-se que a negligência para uma camada culturalmente exposta afeta de maneira direta a estrutura primária de muitos brasileiros. Logo, é fundamental que o Poder Executivo - na esfera federal - crie uma proposta de ampliação da verba orçamentária anual destinada à criação de campanhas de incentivo à valorização dos povos tradicionais do Brasil. Tal proposta deverá ser efetivada por meio de uma votação feita por deputados federais e senadores, pois são responsáveis pela aprovação de alterações na Lei Orçamentária Anual. Isso deve ocorrer a fim de reconfigurar um país que consiga, de fato, desenvolver um costume de empatia que permita disseminar um real sentimento de pertencimento arraigado na cultura brasileira.

AS RELAÇÕES SOCIAIS POR MEIO DA SOLIDARIEDADE

NOTA MÁXIMA - REDAÇÃO FUVEST – VESTIBULAR 2025 – FINAL DE 2024

ISABELLY PINHEIRO

De mãos dadas?

Uma das funções da arte é, sem dúvidas, materializar a inquietude interna do autor e o poeta modernista Carlos Drummond, na sua produção literária, propõe o resgate à coletividade por meio de um apelo em prol do engajamento social necessário em um contexto no qual “ir de mãos dadas” era a única forma de tentar sobreviver. Apesar do hiato temporal e sem desconsiderar a subjetividade inerente à obra, nota-se que a urgência drummondiana ainda é relevante no contexto atual do Brasil, uma vez que a imagem de uma nação acolhedora e solidária tem se tornado exceção à regra nas relações interpessoais.

Com base nesse cenário, percebe-se que há, no Brasil, a tendência de minimizar a importância das práticas solidárias e, em decorrência disso, deturpa-se o real sentido dessas ações. Isso acontece, porque, como o propósito educacional brasileiro está majoritariamente direcionado à formação de mão de obra em detrimento da construção intelectual, muito do que é concedido à população é recebido como favor ou benevolência, quando, na verdade, é um direito. Essa postura de manutenção de negligências configura o que o historiador José Murilo de Carvalho nomeou de “cidadania operária”, ou seja, à população é fornecida apenas a noção mínima sobre os direitos básicos e, assim, é suspensa a possibilidade de reivindicação, pois o conhecimento acerca de muitos direitos sociais, civis e políticos depende, na maioria das vezes, da construção intelectual. Dessa forma, nutre-se um ciclo de manipulação social, pois a “solidariedade” é aparelhada como “um gesto de bondade política e social” e acaba funcionando como uma estratégia eficaz para a manutenção do poder de uma minoria detentora do capital. Assim, nota-se uma sociedade vítima de um constructo neoliberal e distante da consciência a respeito da necessidade de seguir de “mãos dadas” para o pleno exercício da solidariedade.

Além disso, é válido considerar que muitas pautas sociais e econômicas importantes são tratadas, no Brasil, de forma sensacionalista, inclusive, a questão da solidariedade como um compromisso coletivo. Em outras palavras, diversas tragédias ambientais ou sociais, a exemplo das catástrofes de repercussão nacional, são utilizadas como oportunidades de autopromoção política e social. Isso acontece, porque a ajuda ao próximo (que não pode ser confundida com caridade porque é uma questão de bom senso em um país tão desigual) se torna, muitas vezes, uma narrativa usada para gerar engajamento e seguidores. Assim, a ação de ajudar se transforma em um espetáculo que, ao contrário do que se pode supor, não é um ineditismo da geração de influenciadores digitais, pois já foi uma questão denunciada pelo jornalista José Arbex, em sua obra “Showrnlismo, a notícia como espetáculo”. Logo, nota-se que a característica de ser um país acolhedor e solidário não passa de uma postura ensaiada para convencer.

Portanto, é evidente a necessidade de uma mudança na abordagem coletiva nacional, para que as relações sociais sejam fortalecidas pela efetiva solidariedade. Para isso, é fundamental a ampliação de práticas solidárias em vários espaços do país, a fim de que as pessoas sejam instruídas, desde a educação primária, sobre a necessidade de naturalizar uma construção nacional coletiva em detrimento de ações beneficentes pontuais e roteirizadas para propagandear. Afinal, a formação de um país mais humano depende da equidade social e, como dito por Drummond, é importante não perder tempo e ter a real consciência sobre a importância de dar as mãos.



O ACESSO À INTERNET COMO REQUISITO À INTEGRAÇÃO SOCIAL NO SÉCULO XXI

JOÃO PRAZERES

O artista Claude Monet buscou, na sua tela “Impressão, nascer do sol”, ofuscar os referenciais estéticos ao sugerir a paisagem pintada sem que houvesse a certeza do que se vê, apenas a sensação. Essa técnica impressionista, na época utilizada para inovar a concepção artística, parece ter sido realocada de função: hoje, mascarar o referente alcança a dinâmica social por meio de inúmeras pessoas que, em pleno século XXI, no Brasil, ainda não têm a certeza de que a internet é uma ferramenta de ascensão social, restando apenas a “impressão” dessa ideia. A partir disso, para entender os referenciais distorcidos por uma sociedade impressionista e facilmente impressionada, é preciso entender por que o acesso à internet ainda é limitado e qual o maior impacto social dessa questão.

Nesse sentido, não há como hesitar: a discrepância entre o desenvolvimento econômico do Brasil e a sua realidade social é responsável por fomentar a paradoxal falta de acesso à internet em uma nação teoricamente modernizada. Isso acontece, porque a sociedade brasileira é posta à mercê de condições tecnológicas arcaicas por não aliar o crescimento econômico à justiça social, o que caracteriza, para o economista Celso Furtado, o subdesenvolvimento do país como causador de muitas mazelas nacionais, como a atual falta de acesso à internet para mais de 30 milhões de brasileiros, segundo pesquisa feita pelo governo federal em 2023. Com base nisso, apesar de ser uma necessidade básica, a utilização da rede de dados para a inserção do indivíduo na esfera trabalhista, acadêmica e em outros serviços essenciais tem sua garantia defasada, o que ratifica a consequência de um desenvolvimento econômico excludente. Não por acaso, o Brasil afirma essa contradição ao tentar se impor como desenvolvido quando, na verdade, ainda sugere uma ideia de conectividade para a população sem conseguir oferecê-la de forma minimamente equitativa.

Além disso, como consequência do paradoxo sociedade-economia, a persistência de um analfabetismo tecnológico se configura como um problema para a conectividade exigida pelo século XXI. De fato, a demanda pela internet não é mais reservada aos socioeconomicamente privilegiados (como sempre aconteceu), visto que questões tecno-científicas estão sendo cada vez mais capazes de atender a demandas sociais, o que mostra o quanto a falta de acesso à rede de dados repercute no alheamento a questões coletivas básicas, desde marcações de consultas médicas em postos de saúde até o acesso a uma educação de qualidade, por exemplo. Tal questão é estudada pelo professor e cientista Luiz Bevilacqua, o qual aborda a importância de uma educação científica para o desenvolvimento tecnológico e social eficaz. Afinal, a razão pela qual o Brasil ainda não se destacou mundialmente como produtor de conhecimento, sem dúvida, tem origem no analfabetismo tecnológico e crítico, ainda mais evidente quando não existe uma internet de qualidade disponível a todos em um país que segue propagando a ideia de que ser “Vivo é uma grande oportunidade, mesmo sem perceber que, muitas vezes, a vida pode estar literalmente “por um fio”.

Portanto, infere-se que o acesso à internet deve ser garantido para a integração social do século XXI. Para isso, urge que o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, destine recursos para efetivar a qualidade de acesso à rede de dados no país. Tal ação ocorrerá por meio de um Plano Nacional de Conectividade, o qual irá mapear as regiões onde o acesso à internet é falho para que, a partir disso, desenvolvam-se políticas públicas de Wi-Fi gratuito, pois é necessário que a oportunidade de acesso garanta o uso positivo da Internet. Isso deve ser feito, a fim de reverter o subdesenvolvimento tecnológico do Brasil e integrar o povo brasileiro pela conexão em rede. Afinal, é preciso ultrapassar apenas a impressão de país desenvolvido e finalmente permitir que o desenvolvimento equitativo se efetive em todas as áreas.

A INFLUÊNCIA DA PUBLICIDADE NA FORMAÇÃO ESTÉTICA E COMPORTAMENTAL DA ATUAL SOCIEDADE

VICTÓRIA ELLEN

“Abra a Felicidade”. A campanha publicitária da Coca-Cola utiliza imagens de pessoas felizes, sorridentes e rodeadas de amigos para criar uma associação emocional entre a marca e a felicidade. Ao transpor a propaganda, percebe-se o quanto um ideário publicitário de felicidade é imposto como ferramenta associativa à marca, que hoje dita os padrões estéticos comportamentais da sociedade. A partir desse contexto, faz-se necessário entender como o universo publicitário atua na conjuntura social e o maior impacto dessa interferência para o indivíduo.

Diante dessa questão, é importante ressaltar que o mundo dos anúncios, com seus estímulos visuais e conteúdos apelativos, dita quais são os imperativos emocionais a serem perseguidos. Isso ocorre, porque a indústria da publicidade, com a sedução exercida pelos anúncios e sua importância para o sistema capitalista, exerce pressões psicológicas sobre o comportamento coletivo, muitas vezes, passando uma falsa ideia de que é preciso consumir para ser feliz. Nessa perspectiva, ao tomar como base a persistência dos milhares de anúncios diários, nota-se o quanto as pessoas estão submersas na melancolia de um mercado bovarista, o qual influencia a busca incessante por bens materiais como forma de alcançar uma vida feliz, atingir a realização individual e alterar o sentido da sua realidade. Infelizmente, é o foco da sociedade padronizada a qual quer a todo custo aparentar ser o que normalmente não é. Nesse viés, percebe-se um tipo de bovarismo (teoria do psicanalista Gaultier pensada ainda no século XIX, mas visivelmente atemporal) ampliado pela publicidade, que leva os indivíduos a se frustrarem por não alcançarem os padrões idealizados apresentados nos anúncios. Afinal, não adianta viver em um país em que as pessoas comprem um “L’Oréal Paris, por acreditarem que “elas valem muito” com base em um rótulo.

Ademais, é lúcido considerar que um deliberado processo de manipulação social reflete significativamente na manutenção de uma nação, em grande parte, influenciável. Tal questão acontece, porque o sistema publicitário, como parte desse processo de ma-

nipulação social, muitas vezes contribui para a manutenção do status e para a perpetuação de indivíduos passivos e conformistas, retroalimentando uma alienação social. Nesse sentido, como mencionado pela arquiteta brasileira Ermínia Maricato, nota-se o quanto os indivíduos são instruídos (ou mal-instruídos) a agirem de acordo com os interesses de determinados grupos dominantes, sem questionar ou refletir criticamente acerca das informações e das mensagens que lhes são apresentadas. Dessa forma, a manipulação social é um fenômeno complexo e multifacetado que pode ter impactos profundos para os indivíduos.

Portanto, ao perceber os impactos gerados pelo universo da propaganda, urge a necessidade da quebra da alienante influência do viés publicitário na construção dos indivíduos. Para isso, é fundamental que o Poder Executivo Federal, mais especificamente o Ministério da Comunicação, crie mecanismos que promovam uma formação crítica de acesso à informação no cenário social. Tal ação deverá ocorrer por meio da implantação de um Projeto Nacional de combate à personalização de identidades formuladas pela publicidade, o qual incluirá ações educativas e de iniciativas informativas, principalmente, nos meios de amplo alcance, como as redes sociais. Isso será feito a fim de desconstruir os ideais ilusórios impostos pela publicidade. Afinal, a felicidade é algo que se constrói diariamente e não é justo ser associada a um produto que até gera felicidade momentânea, mas às custas de altíssimos índices de açúcar que não valem o risco a longo prazo.

REDAÇÃO FUVEST – VESTIBULAR 2025 – FINAL DE 2024

AS RELAÇÕES SOCIAIS POR MEIO DA SOLIDARIEDADE

ILKA KEYTHE 48.5

Em uma sociedade cansada e sobrecarregada, não nos afastemos

Sob autoria do poeta Carlos Drummond, o poema “Mãos Dadas” expõe, por meio de trechos como “O presente é tão grande, não nos afastemos”, a relevância da aproximação entre os indivíduos para a manutenção da vida em sociedade. Ao transpor o contexto literário, nota-se que o ideal defendido pelo modernista assume “contornos utópicos” – pois as dinâmicas da atualidade (infelizmente) impedem a efetivação da solidariedade nas relações sociais. A partir desse cenário, é fundamental discutir o que motiva a ausência de solidariedade nas organizações das sociedades e o maior impacto dessa omissão para o Brasil.

Nesse sentido, o enfraquecimento da ação solidária se apresenta como sintoma de uma sociedade individualista e psicologicamente adestrada. Em outras palavras, o modelo neoliberal de desenvolvimento econômico, centrado na busca pelo lucro, e não na promoção do bem-estar social, estimula a competitividade entre as pessoas – as quais se percebem como rivais em um sistema que valoriza a eficiência e a produtividade individuais. Essa questão, estudada pelo filósofo Byung-Chul Han, pode ser percebida a partir do momento em que não há uma consistente preocupação com temas importantes para o corpo social. O resultado disso? Previsível, porque esse alheamento é proposital e segue sendo utilizado para legitimar a existência de pessoas mecanizadas e cada vez mais carentes de humanidade, isto é, da capacidade de ver (e não apenas de olhar) o outro. Dessa forma, a dominação intelectual estabelecida na contemporaneidade, que se apresenta, também, por meio de discursos forçados sobre produtividade, a exemplo do slogan “Apenas faça”, incentiva a performance individual em detrimento da consolidação de vínculos sociais solidários e coletivos.

Além disso, o contínuo processo de segregação fomenta a deslegitimação da solidariedade nas conexões entre os cidadãos no país. Nessa perspectiva, há, desde a construção do país, a divisão da sociedade em grupos que variam de acordo com as características étnicas, econômicas, entre outras. Isso acontece, porque, como teorizado pela historiadora Lilia Schwarcz, as diferenças são transformadas em estereótipos que produzem o preconceito, a violência e a exclusão contra os grupos minoritários. Logo, é até verdade que estamos melhores do que estávamos há 100 anos, mas a persistência de uma espécie de “colonialismo insidioso” faz com que os comportamentos retrógrados (como a subjugação dos grupos vulneráveis) se disfarcem em meio aos avanços sociais – apesar de ainda condicionarem milhares de pessoas à invisibilidade. Desse modo, torna-se desafiador falar de solidariedade e de coesão em uma sociedade educada (ou mal-educada) para se manter excludente. Assim, a formação de um Estado (órgão administrativo), e não de uma “Nação” com ideais coletivos vai no sentido oposto à súplica de Drummond por induzir, sobretudo, o afastamento e a permanência de um país que segue sem povo, ou seja, sem a noção de solidariedade e de pertencimento.

Portanto, percebe-se que o isolamento e a segregação dos indivíduos sustentam, respectivamente, no mundo e no Brasil, o enfraquecimento das ações solidárias nas relações sociais. Para que isso seja, de fato, erradicado, é indispensável considerar os rumos da humanidade, visto que é preciso defender e lutar pela construção de uma sociedade cada vez mais justa e mais humanizada. Afinal, já passou da hora de o país caminhar com menos hipocrisias e mais “mãos dadas”.



ANOTAÇÕES

Estamos juntos nessa!



C U R S O
FERNANDA PESSOA
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.